

O USO DO NÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A ATENUAÇÃO DA NEGAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE POLIDEZ

Adriano Souza MARINHO (UFC)¹

RESUMO: Diante do grande avanço do Ensino de Português como Língua Estrangeira e consequentemente com as limitações que os aprendizes apresentam devido à maior preocupação com a correção gramatical que com o uso, faz necessária uma análise pragmática de tais aspectos linguísticos. O presente trabalho visa problematizar o ensino de PLE no que tange a atenuação da partícula negativa “não” como estratégia de polidez a fim de preservar a relação com o ouvinte. Para isso analisar-se-á as teorias de polidez que estão em consonância com a problematização – sobretudo as estratégias de polidez propostas por Brown & Levinson (1986) – para explicar as ocorrências de ocultação do “não” em enunciados. Ao final do estudo, é possível concluir que há ocorrência das estratégias de polidez ao utilizar expressões que atenuam a partícula negativa por parte dos falantes a fim de preservar a face dos ouvintes e manter a interação da melhor forma possível.

Palavras-Chave: Português como Língua Estrangeira. Polidez. Negação.

ABSTRACT: Due to the great advance of the Teaching of Portuguese as a Foreign Language and consequently with the limitations that the learners present due to the greater concern with the grammatical correction than with the use, it makes necessary a pragmatic analysis of such linguistic aspects. This work aims to problematize the teaching of PLE regarding the attenuation of the negative particle "no" as a politeness strategy in order to preserve the relation with the listener. For that, we will analyze the politeness theories that are in line with the problematization - especially the politeness strategies proposed by Brown & Levinson (1986) - to explain the occurrences of attenuations of the "no" in statements. At the end of the study, it is possible to conclude that politeness strategies occur by using expressions that attenuate the negative particle by the speakers in order to preserve the face of the listeners and to maintain the interaction in the best possible way.

Keywords: Portuguese as a Foreign Language. Politeness. Negation.

1. INTRODUÇÃO

O Português como Língua Estrangeira (PLE) vem se consolidando nos últimos anos como um importante campo de pesquisa e ensino abrindo discussões que antes eram reservadas a línguas hegemônicas. Ao mesmo tempo que se desenvolvem estratégias, metodologias, materiais entre outros, há um importante escopo teórico já preexistente que pretende fornecer explicações para fenômenos até então não enfocados exhaustivamente. Nesse contexto, a pragmática vem trazer uma contribuição importante para a compreensão das diferenças entre as práticas discursivas dos falantes das línguas mais diversas.

É importante destacar que a língua por si só carrega uma quantidade de significados que a simples descrição gramático-estrutural não é capaz de englobar.

Esses significados são criados e desenvolvidos nas relações sociais e podem variar de cultura para cultura. Logo, essa visão encontra suporte nos postulados de muitos pesquisadores. Para Bakhtin (1929) “a verdadeira substancia da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [...] mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações”. Já Cohen (1956) acrescenta que “os fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais” e para Benveniste (1963) “é dentro da, e pela língua” que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”.

Por isso, acerca do ensino de PLE, é necessário considerar que o aprendiz necessita ter a plena consciência que as estruturas formuladas na sua língua materna e a própria cultura são diferentes. Tomemos como exemplo as negativas em *Inglês* e *Português*. No inglês uma das definições da expressão *Not really* é a de dúvida, situação em que você opta por ficar no meio termo para evitar uma pergunta. Por exemplo: quando falante pergunta “*did you like the dinner?*” (*you gostou do jantar?*) e o ouvinte responde “*Not really*” isso pode significar que havia alguma coisa que ele não gostou no jantar. Talvez as verduras, a falta de sal, etc. Já no Português o ouvinte provavelmente optará por uma atenuação da partícula “*não*” se utilizando de rodeios como “*(Estava bom!!) Só faltou um pouquinho de sal!*”. Em seu estudo sobre o uso da partícula negativa Mendes (1996) diz o seguinte:

Os dados revelaram, por exemplo, que o falante de português brasileiro dificilmente usa o “*não*” taxativo, sem determinação. Mesmo em situações em que um simples “*não*” caberia perfeitamente, a negativa é suavizada, acrescentando-se justificativas e rodeios, ou mesmo recusa-se indiretamente, omitindo a negativa propriamente dita.

Dito isto no trabalho que se segue, serão analisados as principais implicações da atenuação da partícula negativa “*não*” na tentativa de manutenção da interação com o ouvinte tendo como enfoque principal as teorias de polidez desenvolvidas por Brown & Levinson (1986) para assim definir caminhos para uma prática docente que vise o uso comunicativo da língua em seus aspectos pragmáticos e não só gramaticais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente é necessário definir alguns conceitos importantes que dizem respeito a interação entre falantes da língua materna ou onde um dos participantes é falante de língua estrangeira. Nessas condições ambos, falante e ouvinte, desenvolverão uma negociação de significados, esta por sua vez baseada na mútua expectativa de respeito, liberdade, consideração, etc. A seguir, serão apresentadas as definições de *face* e *face threatening acts* (FTA) doravante atos de fala.

2.1. FACE E ATOS DE FALA

Como citado acima, numa interação, cada pessoa assume um papel no qual ações voluntárias vão determinar a percepção do outro a seu respeito e a respeito de si mesmo. De acordo com Goffman (1955, p. 7) isso é chamado de *linha* e é definido como “um padrão de atos verbais e não verbais pelos quais ele [toda pessoa] expressa sua visão da situação e, por meio dela, sua avaliação dos participantes, especialmente de si mesmo.” (Goffman, 1955, p. 7, tradução nossa).

Outro importante conceito atribuído a Goffman (1955) é o de *face*. Para ele *face* é "o valor social positivo que uma pessoa afirma por si mesmo pela linha que os outros supõem ter tomado durante um contato em particular". Em outras palavras é a forma como a pessoa deseja ser percebida e tratada diante dos outros. A manutenção dessa *face* depende da linha que a pessoa assume bem como a percepção que os outros agentes comunicativos têm a respeito dessa pessoa. Dito isto, essa *face* pode variar de cultura para cultura reforçando o citado anteriormente que a língua deve levar em consideração os fatores sociais.

Durante a interação, um acordo é feito e os agentes comunicativos agem para a manutenção dessa *face*. Nesse acordo envolve-se a consideração e o auto respeito, valores que em todas as culturas são valorizados. Esses valores obrigam os falantes a terem cautela não apenas com a própria *face*, mas também com a do outro, assim a comunicação flui sem problemas.

No entanto, deve-se levar em consideração que esse ato de acordo mútuo durante a comunicação não representa uma real situação de aceitação. Esse acordo é temporário

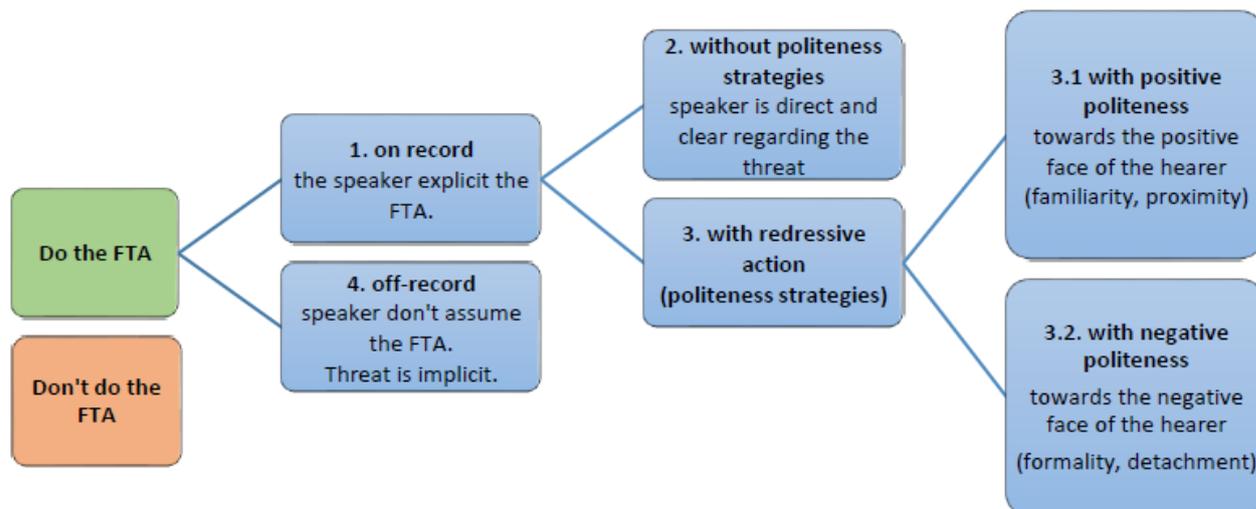
e ocorre devido a necessidade da preservação da própria *face* e a do outro. Portanto, nessa interação por vezes artificial, os falantes tendem a se utilizar de artifícios para manter a face. Esse esforço para manter a face é chamado de *face-work* ou trabalho de face no português. Brown & Levinson (1986) apresentam uma nova roupagem para os atos de fala, que são basicamente as estratégias de polidez que são utilizadas para a manutenção da face. A seguir expor-se-á a referida teoria.

2.2. ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

Como exposto acima, existem esforços a serem feitos a fim de garantir a manutenção da *face*. Para isso, Brown & Levinson (1986) formularam – baseadas na teoria dos atos de fala de Goffman (1955) – estratégias de polidez que visam principalmente minimizar a “ameaça” a *face* do ouvinte. No que diz respeito a essa ameaça “os interagentes (da interação) são inevitavelmente forçados a ameaçar a face do outro” (Marinho, 2017, p. 7). Essa ameaça é chamada por Brown & Levinson (1986) de *Face Threatening Act* (FTA) ou Atos de Ameaça de Fala (Brown & Levinson, 1986, tradução nossa). Justamente para minimizar essa ameaça que as estratégias de polidez são empregadas.

Ainda, é importante pontuar, que as ameaças podem acontecer dirigidas para a *Face Positiva* ou *Negativa* do ouvinte. Quando dirigidas a Face Positiva o falante pretende enaltecer as qualidades, crenças e desejos do ouvinte. Por exemplo: *É um prazer recebe-la!* ou *Concordo com a sua colocação!* Já quando o FTA é dirigido a Face Negativa a intenção é tirar a liberdade de escolha do ouvinte. Geralmente pedidos, ordens, conselhos são identificados como FTAs dirigidos a Face Negativa do ouvinte. Exemplo: *Não saia de casa essa noite!* ou *Você poderia me emprestar o livro que havia me falado?*

Ainda se faz necessário conceituar os tipos de atos de fala, quando eles são dirigidos as faces Positiva e Negativa do ouvinte. O quadro abaixo ilustra os como acontece esse fenômeno:

Figura 1: opções possíveis ao fazer o FTA

Fonte: baseado em Brown and Levinson (1987, p. 69)

Inicialmente o falante tem a opção de fazer (do the FTA) ou não fazer (don't do the FTA) o ato de fala. Ao decidir não fazer, as possibilidades se findam tendo em vista que não há interação. No caso de ele decidir fazer o ato de fala ele pode realizá-lo de forma explícita (on record) ou implícita (off record). Ao decidir fazer de forma implícita as possibilidades também ficam limitadas já que o falante não assume o FTA fazendo-o entre as entrelinhas. Não obstante, ao decidir fazer o FTA de forma explícita, o falante pode assumir uma postura mais gentil usando atenuadores (with redressive action) ou ser mais direto optando por não usar rodeios (without redressive action). Finalmente, chegando ao ponto ao qual esse trabalho se propõe, o falante pode optar por se utilizar de estratégias de polidez ao mitigar e atenuar seu discurso. Com isso ele pode o fazer dirigido a Face Positiva do ouvinte indicando certa familiaridade e proximidade (with Positive Politeness) ou pode dirigir a Face Negativa do mesmo se utilizando de formalidade e desapego (with Negative Politeness).

Para ilustrar as ideias explicitadas acima e retomar a ideia sobre partícula negativa, tomemos o seguinte exemplo presente no estudo de Mendes (1996, p. 36) sobre aspectos da recusa (negação) na conversação em português-brasileiro:

F1: - Você gosta... eh... acha válida a teoria X?

F2: - Bem, não que eu não goste desta teoria, acho é que existem

outras... digamos, muito melhores.”

Em resposta à pergunta sobre sua aderência a determinada teoria, o ouvinte F2 responde a pergunta de forma indireta, não se utilizando do “não” taxativo o que indica que ele se utilizou de estratégia de polidez dirigida a face negativa de seu parceiro na interação, portanto apropriando-se da “Negative Politeness”. Isto indica que ambos não possuem uma proximidade que os permitisse a supressão dos atenuantes (*Bem, não que eu não goste desta teoria[...]*) o que os obriga a agir de forma respeitosa e cortês. Além disso, por não haver uma liberdade entre os interagentes, há uma limitação do discurso de F2 fazendo-o assim se utilizar de tais estratégias.

Outro exemplo apresentado por Mendes (1996, p. 36)

“F39: - Você vai ao Encontro da ANPOLU

F40: - Eu tenho que participar de uma banca de concurso justo nos dias...

F39: - Pena.”

Nesse exemplo percebemos mais claramente a omissão no “não” que sequer aparece na resposta. Ao responder sobre sua possível participação em um Encontro, o ouvinte (F202) opta por mitigar seu discurso a fim de evitar uma resposta direta, sem estratégia de polidez, e portanto não assumindo o FTA. Ainda parafraseando o estudo de Mendes (1996), pode-se perceber a diferença do uso das estratégias de polidez entre falantes da língua nativa e quando há um participante da língua estrangeira através do seguinte exemplo.

“F201: - Será que seria possível eu te entregar o meu trabalho na sexta-feira que vem?

F202: - Não.”

A recusa sem ato atenuador e portanto sem estratégia de polidez foi dada por um falante de língua estrangeira (F202) durante interação com um falante de Português-brasileiro (F201). Nesse caso, podemos pressupor que o não uso da estratégia se deu devido ao fato do desconhecimento dos fatores pragmáticos que influem diretamente no Português por parte do participante falante de PLE (F202).

Por isso se faz tão importante a adequação de materiais didáticos, metodologias e abordagens sobre PLE e sobre as demais línguas estrangeiras ao contexto social no qual os falantes estarão inseridos a fim de propiciar um aprendizado mais significativo. Rubin (1982) diz que “sem conhecimento dos valores centrais, o viajante pode nunca entender propriamente qual mensagem o falante está realmente tentando passar” (Rubi, 1982, p.11, tradução nossa). Isso quer dizer, sem conhecer a cultura e os valores da língua alvo, a aquisição da segunda língua se torna uma tarefa mais difícil.

3. METODOLOGIA.

Esse estudo trata-se de uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, onde foram usados exemplos e dados do artigo de MENDES (1996), Aspectos da recusa (negação) na conversação em português-brasileiro. No referido artigo, a autora trata sobre os atos discursivos no Português brasileiro, mais especificamente a negação, em interface com o ensino de Português como Língua Estrangeira. Usando os princípios de Polidez de Leech (1983) e as máximas de Grice (1975) para analisar os dados, ela encontra suporte para afirmar que no estudo de PLE os aspectos pragmático discursivos são fundamentais para uma aprendizagem realmente significativa. Os dados coletados por MENDES (1996) são compostos por 10 horas de gravações de atividades acadêmicas efetuadas no segundo semestre de 1993, na Faculdade de Letras da UFMG.

Já neste novo estudo, os dados explicitados por MENDES (1996) além de outros exemplos comuns do dia a dia foram analisados sob a luz da teoria das estratégias de Polidez de Brown & Levinson (1986), autores que apresentam uma visão singular mas não totalmente diferente de Leech (1983) e Grice (1975). Em seguida, se buscou compreender e problematizar os dados sob um novo olhar a fim de trazer novas informações, principalmente, para professores de PLE que visam melhorar suas práticas pedagógicas bem como contribuir para os estudos da pragmática no ensino de línguas estrangeiras.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho foi abordado o uso do *não* no português brasileiro e sua atenuação como estratégia de polidez. Nesse sentido os esforços foram concentrados em explicar, sob a luz do modelo de estratégias de polidez propostas por Brown & Levinson (1986), a ocultação ou mitigação da partícula negativa “*não*” nos discursos de falantes do Português-brasileiro e/ou Português como Língua Estrangeira como uma estratégia de proteção da face dos participantes. O modelo de estratégias de polidez entende que toda pessoa está predisposta a “ameaçar” a *face* do outro durante a interação e diante desta possibilidade, se utiliza de estratégias de polidez para atenuar o dano causado a *face* do outro e manter a conversa fluindo da melhor forma.

Através da análise dessas estratégias e de exemplos fornecidos por estudos como o de Mendes (1996) pode-se afirmar que os falantes nativos de Português-brasileiro tem o costume de ocultar ou mitigar o “*não*” durante a interação a fim de preservar a face do outro e a sua própria. No entanto, quando analisados os discursos de interações onde pelo menos um dos participantes é falante de PLE observa-se que é feito pouco ou nenhum uso de estratégias de polidez tendo os mesmos utilizado o “*não*” taxativo, sem nenhum atenuador.

A partir desta análise pode-se inferir que os falantes de PLE, assim como os de outras Línguas Estrangeiras que não utilizam um método comunicativo eficaz, se preocupam mais com a correção gramatical do que com a mensagem que pretendem passar em si, negligenciando estratégias de polidez que fazem parte da cultura local. Nesse sentido, é importante ressaltar a importância da abordagem pragmática em materiais didáticos e metodologias, oferecendo exemplos realmente significativos e que estejam em consonância com o uso natural da língua na sociedade na qual os aprendizes estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. de M.E.G.Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

COHEN, M. Pour une sociologie du langage. In: Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BROWN, P; LEVINSON, S. C. Politeness: some universals of language usage. Cambridge: Cambridge UN. Press, 1987.

GOFFMAN. E. On Face-Work: An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction, Psychiatry: Interpersonal and Biological Processes, Guilford Press, Volume 18, p. 7-13, 1955.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. Aspectos da recusa (negação) na conversação em português-brasileiro. Minas Gerais: UFMG, 1996.

MARINHO, A. Politeness strategies employed by a radio presenter during a multi-participant interview. Fortaleza: UFC, 2017.